

DESCONSTRUINDO UNA: ABUSO INFANTIL, MEMÓRIA TRAUMÁTICA E O POTENCIAL DOS QUADRINHOS PARA DISCUTIR A CULTURA DO ESTUPRO

Leiliane Germano¹

RESUMO

Narrar uma situação traumática nem sempre é um processo fácil. Muitas memórias dolorosas são deixadas no esquecimento por medo ou vergonha. Dessa forma, experiências envolvendo abusos sexuais na infância ou adolescência ficam por muitas vezes no silêncio, o que impede inclusive que a denúncia seja feita. É exatamente essa situação vivida por Una, na graphic novel autobiográfica *Desconstruindo Una*. Na obra, a personagem passa por abusos sexuais na infância e vive um processo de trauma causado pela culpabilização da vítima, o que a impede por anos de contar o que aconteceu. O presente artigo analisou como a memória traumática da personagem foi representada na HQ e como essa narrativa possibilitou que ela falasse sobre essa violência, apresentando o potencial dos quadrinhos para criar uma ponte de diálogo sobre o tema “cultura do estupro” e o público infanto-juvenil. Foi possível identificar, como as representações gráficas e a reconstrução das fases vividas pela personagem foram capazes de auxiliar nesse debate acerca do abuso infantil e dos impactos que o silenciamento das vítimas pode causar inclusive na saúde mental delas. As HQ's possuem um potencial imagético que conseguem alcançar diversas faixas etárias e níveis de conhecimento, o que as tornam potenciais ferramentas para introduzir discussões sobre temas como assédio, estupro e violência contra mulheres.

Palavras-chave: Cultura do estupro, Histórias em quadrinhos, Abuso infantil, Memória traumática, Narrativa.

¹ Mestra em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, leili.germano@gmail.com;

INTRODUÇÃO

As imagens sempre fascinaram a humanidade. Desde os tempos das cavernas elas estão presentes nos momentos de registro de fatos que ficaram na memória. Seja através das pinturas, desenhos feitos à mão ou as histórias em quadrinhos, a partir de traços, formas e linguagem não verbal, o universo visual é capaz de nos remeter a fatos representados, memórias e relatos autobiográficos.

Segundo Miorando (2019, p. 1), os mesmos mecanismos que estão presentes na memória autobiográfica também estão presentes nos quadrinhos. Para o autor, ambos são formados por fragmentos, caso contrário não poderiam ser interpretados. Em uma história autobiográfica em quadrinhos, o autor transfere todo o processo vivido e as referências presentes na realidade para o universo gráfico. Essa mediação feita pela memória se dá em reflexos de lembranças do passado.

Os espaços entre os quadros, as cenas selecionadas e o que será enfatizado ou não, nada mais é do que uma seleção da memória. Dessa forma, em autobiografias em quadrinhos, a subjetividade também está presente na narrativa. Além disso, a narrativa autobiográfica construída de forma visual, também se torna um potente mecanismo para o resgate de situações difíceis de se narrar de forma oral ou apenas escrita. Um exemplo de situação do tipo é a violência sexual contra mulher, em que muitas vezes a vítima recorre ao medo e ao silêncio para se resguardar. Silenciamento que pode gerar até mesmo o medo de denunciar tal crime.

Encontramos uma situação semelhante na *graphic novel* *Desconstruindo Una*. A obra foi lançada originalmente em 2015 e em 2017 foi vencedora do Prêmio Grampo de Bronze. A autobiografia mescla jornalismo e histórias em quadrinhos e levanta temas como violência contra mulheres, estupro de vulnerável, desigualdade de gênero, culpa e responsabilidade social. A autora britânica, que usa o pseudônimo de Una, narra sua infância em uma Inglaterra extremamente conservadora no fim dos anos 1970 e traz para os quadrinhos sua experiência como sobrevivente de violência sexual.

Em uma entrevista dada a jornalista Carolina de Assis e publicada no portal Vitralizando em 2019, Una conta porque escolheu os quadrinhos pra narrar sua história de trauma e violência. A autora, sofreu dois abusos sexuais, sendo um na infância e outro na adolescência. Ao resgatar suas memórias e ilustrá-las, Una explica como o recurso visual se tornou uma ferramenta para expressar tal narrativa. Por isso, o presente artigo visa analisar como a memória traumática da personagem Una foi representada na autobiografia em quadrinhos.

MEMÓRIA E AUTOBIOGRAFIAS: A RECONSTRUÇÃO DE UM FATO VIVIDO

De acordo com Souza (2013, p. 17), dar um testemunho ou relatar algo vivido implica em reconstruir parte de uma história, ou seja reviver mentalmente e recriá-la conforme a percepção do narrador. Aquele que decide narrar tal evento, está necessariamente inserido no contexto de sua narrativa, conseqüentemente dará uma angulação conforme suas lembranças e ponto de vista.

Não é possível testemunhar “de fora”: “o testemunho é, via de regra, fruto de uma contemplação: a testemunha é sempre testemunha ocular”. No ato de testemunhar, o narrador não mobiliza exclusivamente sua memória visual e fotográfica para reconstruir o cenário do evento: a ênfase que dará em alguns pontos em detrimento de outros; os elementos que escolhe, ainda que inconscientemente, trazer ou não para sua narrativa; a forma como ordena esses elementos; tudo isso é fruto de um processo de resgate da memória muito mais complexo do que se pode supor à primeira vista (SOUZA, 2013, p. 17)

Pinheiro, Chavez e Ferraz (2009, p. 3) ressaltam que ainda assim essa exposição do passado, “(re)construído pelo testemunho” a partir do olhar do presente, abre espaço para uma possível generalização de um novo significado para esse mesmo acontecimento passado. Segundos os autores, essa generalização pode ocorrer por não ser um ato isolado, mas por corresponder a várias experiências acumuladas e vividas.

Segundo Nora (1993, p. 9), a memória é um fenômeno sempre atual a partir do momento que sempre traz ao presente lembranças do passado. Ela está inclusive suscetível a transformações, já que não se acomoda em apenas detalhes, mas também vive de lembranças vagas e representações simbólicas que podem ir e vir na mente dependendo dos gatilhos que a estimulem.

Ao se reunir memórias é importância levar em consideração tais recortes e generalizações. Segundo Pollak (1989, p. 7-8), o enquadramento da memória, alimenta-se do material fornecido pela história e da interpretação feita a partir de diversas referências associadas com esse passado.

Por isso, Locke (1999, p. 52) chama a memória de “armazém de ideias” presente dentro da mente humana. E é nesse armazém que são resgatadas recordações que a partir da interpretação se conecta a fatos que aconteceram no passado. Esse ato de trazer a lembrança à tona é visto como passivo, mas ganha representações internas quando passa a ter o discurso autobiográfico.

Ao começar a definir autobiografia Curi (2013, p. 35) parte do conceito de intenção. Para o autor, quando alguém “conta a sua história ou parte de sua história, estamos diante de uma autobiografia. O leitor é avisado disso e está ciente de que lê fatos que aconteceram com este autor” (CURI, 2013, p. 35). Porém é possível refutar a veracidade dos fatos narrados, uma vez que “aquilo que está escrito nada mais é do que uma interpretação e, portanto, apresenta elementos ficcionais editados ou, até, inventados” (CURI, 2013, p. 35).

Como a autobiografia é “um espaço de reflexão do eu sobre sua própria constituição”, conforme detalharemos mais para frente, o sujeito seria apto, de acordo com essa abordagem, de perceber sua imagem da maneira que considera mais adequada e, assim, caracterizar sua identidade atribuindo sentido à sua experiência (CURI, 2013, p. 35).

A interpretação dos fatos ao revivê-los na narrativa autobiográfica traz consigo uma formatação própria do narrador. Barbosa (2019, p. 17-18) explica que o passado só existe em nossas representações mentais. Ou seja, em uma autobiografia a narrativa é construída pelo olhar de quem descortina tais lembranças. A autora também destaca que o passado não é algo fixo, mas sim “é materializado pelas recordações e sempre transformado pela interpretação que fazemos. O passado é o vínculo memorável estabelecido a partir do presente” (BARBOSA, 2019, p. 18). Dessa forma, a memória torna-se um conector que alimenta o passado e o liga ao presente.

Ao discorrer sobre esse tema, Lejeune (2008, p. 34), que é referência nos estudos autobiográficos, aborda o pacto existente entre autor e leitor. Para o leitor que busca uma autobiografia está bem claro que o autor narra fatos e passagens de sua própria vida, mesmo que sejam adaptados, repletos de metáforas ou criações pessoais. Dessa forma, autobiografia é uma narrativa elástica que parte do presente em relação ao passado e não precisa ser completamente fiel a realidade. Segundo o autor, o objetivo de uma obra assim “não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o ‘efeito do real’, mas a imagem do real” (2008, p. 36). Curi (2013, p. 39) explica que quando o leitor aceita como “verdadeira” a história contada pelo narrador o pacto está firmado.

Por isso, Barbosa (2019, p. 21) ressalta que falar de memória é também discorrer sobre três dimensões fundamentais: “ela é sempre posicionada, é do presente e se estabelece na dialética entre lembrança e esquecimento” (BARBOSA, 2019, p. 21).

Nesse artigo, chamamos a atenção para o processo de memória de vítimas de violência sexual. No caso de mulheres violentadas, o ato de testemunhar seu

trauma, revivê-lo na memória é também lembrar do que se pretendia esquecer. Como ressalta Ricœur (2007, p. 455), não é possível lembrar de tudo igualmente, principalmente por causa dessa tentativa de esquecimento. A narrativa de um trauma se torna seletiva, ou seja, não inclui apenas a experiência de quem viveu essa experiência, mas também a experiência alheia, de quem de alguma forma participou do momento.

Segundo Pinheiro, Chavez e Ferraz (2009, p. 10) não é possível anular a própria história, por isso somente tais mulheres que passaram por essa experiência de violência, “cada uma delas em particular, em unicidade no tempo e espaço históricos, podem dar a exata percepção do que tal agressão” (PINHEIRO, CHAVEZ E FERRAZ, 2009, p. 10).

TRAUMA, QUADRINHOS E MEMÓRIA: A HQ DESCONSTRUINDO UNA

Segundo Maldonado e Cardoso (2009, p. 46), o termo trauma significa “lesão ocasionada por um agente externo” (MALDONADO, CARDOSO, 2009, p. 46). Ao complementar a explicação sobre o termo, Seligman (2000, p. 84) ainda destaca que o trauma é um dano emocional que se torna uma ferida na memória. Além disso, Maldonado e Cardoso (2009, p. 46) lembram que desde os primeiros estudos sobre o tema, vários autores reafirmaram que a experiência traumática pode ser em diversos casos algo indizível, ou seja algo que vai além da capacidade de representação. Mas então como representar o indizível?

Quando se narra um trauma se quebra uma bolha e se expõe algo às vezes que a própria mente tentou esquecer. Para Seligman (2008, p. 66) “narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar esse sentido primário do desejo de renascer” (SELIGMANN, 2008, p. 66). Entretanto, se para muitas pessoas é tão difícil representar tais traumas em palavras ou expressão oral, uma forma que pode colaborar na reconstrução dessas memórias é o processo artístico e visual, representado aqui nesse artigo pelas histórias em quadrinhos.

Segundo Eisner (1989, p. 104), a partir dos elementos visuais presentes nos quadrinhos, é possível representar emoções e sentimentos. Para ao autor, gestos, cenários e até mesmo roupas quando bem escolhidos pelo ilustrador conseguem passar a mensagem até mesmo quando não existem falas.

Xavier (2018, p. 11) também destaca que as HQ's possuem uma linguagem mais autônoma, utilizando assim seus próprios mecanismos para representar os elementos narrativos. Conforme a autora, “a fala e o pensamento das personagens geralmente aparecem em balões, que simulam o discurso direto e a língua

oral”. Dessa forma, a representação de traumas ou situações difíceis de se reviver encontram nos quadrinhos uma forma mais fácil de serem expostas e narradas.

DESCONSTRUINDO UNA E A NARRATIVA DO TRAUMA EM QUADRINHOS

Ao aproximar quadrinhos e o conceito de memória, Miorando (2019, p. 19) afirma que ambos são muito parecidos já que são formados por fragmentos, e para que sejam interpretados é preciso que “a pessoa que os utiliza empreste uma forma e um sentido para eles” (MIORANDO, 2019, p. 19). Do contrário, como mesmo enfatiza o autor, sua leitura não seria possível.

A história em quadrinhos só é uma comunicação eficiente porque os autores usam a narrativa como uma transferência de forma que esta medie o mundo e o leitor. Essa mediação é efetuada pela memória, seja através do inconsciente coletivo, da bagagem cultural ou dos comportamentos e associações que o leitor pode depreender. O autor de quadrinhos reconfigura o mundo para o leitor de uma forma a dar ordem a ele, fazendo uma “superdeterminação”, dentro de um mecanismo de transferência e projeção (MIORANDO, 2019, p. 19).

Os quadrinhos também são seleção de fatos, passagens, símbolos e sequências que serão ilustradas. Uma das funções do quadrinista é selecionar quais cenas são mais importantes e quais podem ficar de lado sem interferir na construção daquela narrativa. Segundo, Miorando (2019, p. 38) a seleção de quadros “encapsulados de tempo e de espaço, arranjados deliberadamente pelos autores, se interconectam com os demais quadros da página para que” o próprio leitor complete tais sequências em seu imaginário.

Essa compilação se dá através da memória pregressa de situações vivida nos cotidiano e que propiciam o mecanismo que Scott McCloud (2005) batizou de fechamento. O fechamento é a condição narrativa que o leitor assume quando completa as lacunas dada pela sarjeta - o espaço em branco entre um quadro e outro - no layout de uma página de história em quadrinhos. As histórias em quadrinhos, assim como a memória, não são mais do que a soma entre a paisagem mental e o tempo fracionado (MIORANDO, 2019, p. 38).

Esse é o caso da *graphic novel autobiográfica Desconstruindo Una* (2016) que a partir de suas memórias narra os diferentes processos de abuso sexual vivido por Una, personagem e pseudônimo da autora. A narrativa tem início no ano de 1977, quando Una foi vítima de abuso sexual aos 10 anos, por um homem chamado

Damian. Aos 12, ela sofreu novamente abusos, dessa vez por um garoto chamado Terry. Mais tarde, o agressor foi o seu namorado. Diante de tais crimes, a personagem recebe o diagnóstico de transtorno de estresse pós-traumático e anos mais tarde consegue reconstruir sua vida aos poucos.

Durante a HQ *Desconstruindo Una*, acompanhamos vários fragmentos de suas memórias sobre como aconteceram os abusos sexuais sofridos pela autora. De acordo com Miorando, (2019, p. 38-39), ao utilizar o conceito de memória para compreender uma narrativa em quadrinhos, precisamos levar em consideração a paisagem mental com o tempo fracionado compreendido nessas lembranças.

Em *Desconstruindo Una* a personagem discorre sobre o medo e vergonha sentidos após o abuso sexual e principalmente como ela se culpa pelo crime sofrido. É possível notar em diferentes passagens da narrativa o peso dessa responsabilização imposta à vítima, tentando atribuir a todo momento uma relação entre o seu comportamento e o crime.

Figura 1 – Una carregando um peso nas costas



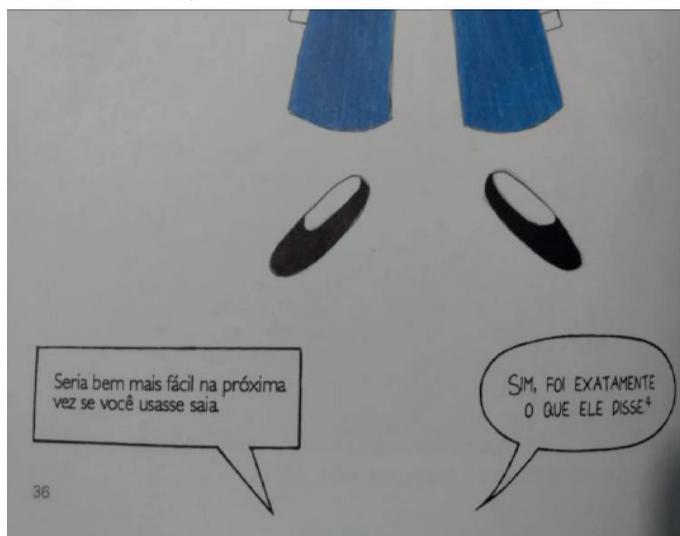
Fonte: Desconstruindo Una, 2015.

De acordo com Curi (2013, p. 45), quando discutirmos experiências traumáticas dentro de autobiografias, não podemos nos prender apenas ao factual, pois é preciso lembrar que o que está sendo descrito, e nesse caso ilustrado, também é fruto de uma lembrança com reflexos emocionais sobre um acontecimento incomum. Por isso, tais sentimentos “se modificam, são revividos, reinterpretados de maneiras absolutamente pessoais, impossíveis de serem experimentados de uma forma equivalente por outro indivíduo. Isso os torna irrepresentáveis” (CURI, 2013, p. 45).

Ao falar sobre tais fragmentos e reflexos de memória, Nora (1993, p. 12-13) lembra que “os lugares de memória, são, antes de tudo, restos” (NORA, 1993, p. 12). Dessa forma, os momentos traumáticos são narrados a partir de fragmentos, detalhes que ao se juntarem reconstroem o acontecimento vivido.

Kolk e Hart (1995, p. 163) consideram a memória traumática como uma atividade solitária, pois ela não é endereçada a terceiros, mas sim uma representação mental relacionada a algo vivido. Dessa forma, “memórias traumáticas são fragmentos de experiências avassaladoras que não foram assimiladas e que precisam ser integradas a esquemas mentais e transformadas em linguagem narrativa” (KOLK e HART, 1995, p. 176). Nota-se que na passagem em que Una conta como foi o segundo abuso cometido por um homem chamado Terry, ela usa de uma lembrança relacionada à roupa em que estava para criar uma ponte e ligar fragmentos para reconstruir a cena vivida na infância. Ao lembrar que a calça jeans de boca de sino era um modelo muito usado na década de 1970, ela menciona que Terry a disse que “seria bem mais fácil na próxima vez” se ela usasse saia (UNA, 2015, p. 36).

Figura 2- Lembranças do trauma



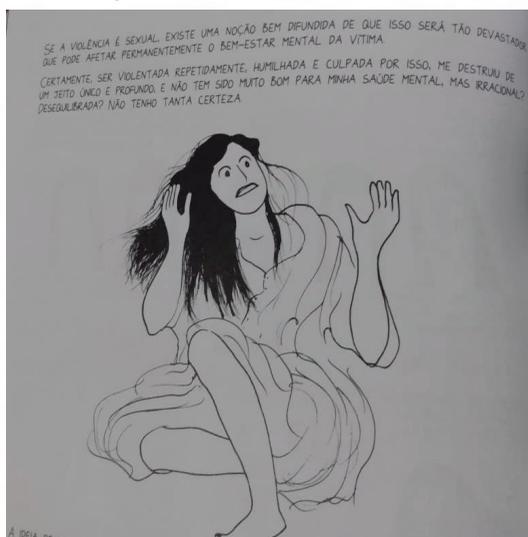
Fonte: Desconstruindo Una, 2015.

Quando o ato de narrar um fato real se refere a um acontecimento traumático, que expõe o indivíduo à dor e ao sofrimento físicos e psicológicos, esse resgate da memória pode ser ainda mais complexo. Retirar tais memórias do passado é o mesmo que retirar o trauma e colocá-lo novamente à frente do narrador. Souza (2013, p. 22-23) destaca que narrar um trauma não significa inclusive esquecê-lo ou normalizar o passado.

Nessa situação, os movimentos de memórias são inseparáveis dos movimentos de esquecimento, em ambos os casos promovidos muitas vezes por ações involuntárias, que nos levam a esquecer de partes do que ocorreu e lembrar-se de coisas que não aconteceram (SOUZA, 2013, p. 22 e 23).

Narrar um trauma é, dessa forma, voltar a ele sem garantias de que se irá superá-lo. Ainda que narrar um testemunho possa significar “uma forma de esquecer, de normalizar o passado”, “o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa”, que acompanha sempre sua vítima e causa inclusive danos à saúde mental (SOUZA, 2013, p. 22-23). Vemos isso acontecer na obra quando Una fala sobre os anos após os abusos e como todo o processo traumático da violência somado à cultura de responsabilização da vítima fez com que a sua saúde mental fosse prejudicada.

Figura 3- Trauma mental de Una



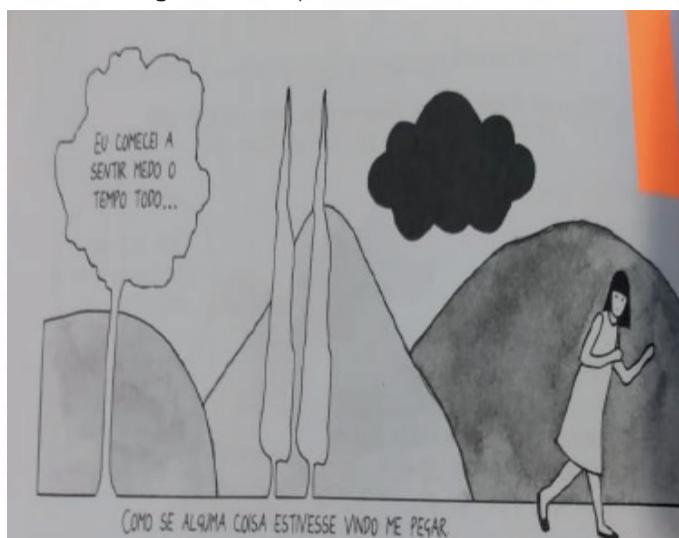
Fonte: Descosntruindo Una, 2015.

É importante ressaltar que não apenas o estupro, mas também a banalização de crimes assim e a culpabilização da vítima geram graves traumas. De acordo com Brownmiller, (1975, p. 13), a existência de uma cultura que se apoia e banaliza o estupro parte do pressuposto de que a sexualidade masculina é naturalmente agressiva, enquanto a feminina é vista como passiva. Dessa forma, exige-se socialmente das mulheres o comportamento de polidez, delicadeza e de não confronto. Dessa forma, o crime de estupro passa a ser banalizado a tal ponto que a culturalmente acredita-se que “elas sempre querem” mesmo que digam não para o agressor.

E é nesse contexto que naturaliza o comportamento do estupro e exige da mulher tais receios para não ser violentada, que surge o conceito de culpabilização da vítima. De acordo com Magalhães (2014, p. 3), ao encontrar meios para justificar o crime, a sociedade patriarcal torna o estupro algo aceitável, naturalizando-o e apontando fatores da vítima que justifiquem a violência como roupa usada, estado de embriaguez, proximidade com o agressor, etc.

Dessa forma, para as vítimas de um trauma extremamente intenso somada à responsabilização da vítima a consequência gerada pela situação frequentemente é “a destruição do consciente e da capacidade de discernimento entre o real e o irreal” (SOUZA, 2013, p.24). Souza explica que a potência do acontecimento traumático e a “incapacidade de recepção de um evento que vai além dos ‘limites’ da nossa percepção” acabam por produzir um efeito perverso na realidade da vítima (SOUZA, 2013, p. 25). Em *Desconstruindo Una*, essa destruição da realidade se dá quando a adolescente passa a se sentir perseguida na rua ou até mesmo vigiada em diferentes momentos de sua rotina.

Figura 4- Una passa a viver com medo



Fonte: Desconstruindo Una, 2015.

Diante de tais consequências geradas pelo trauma, muitas mulheres não conseguem expressar e contar sobre suas histórias, guardando as memórias em subconsciente. Souza (2013, p. 25) ressalta que essa dificuldade de expressar o trauma e até mesmo a dificuldade de compressão de quem acompanha o fato “pelo lado de fora” dificultam ainda mais o compartilhamento dos fatos através de uma narrativa.

O desejo por compartilhar o sofrimento vivido opõe-se num dilema à consciência que a vítima tem da incomunicabilidade do trauma. Os “outros”, aqueles que não participaram do evento trágico, por mais que ouçam repetidas vezes o testemunho dos sobreviventes, dificilmente conseguirão atingir a real compreensão do que lhes é narrado (SOUZA, 2013, p. 25).

Como já mencionado nesse artigo, em muitos casos se expressar de forma escrita e até mesmo oral tornam-se meios difíceis para narrar tais acontecimentos. Dessa forma, as histórias em quadrinhos com seu potencial imagético e principalmente oferecendo a possibilidade de total preservação da identidade da vítima, torna-se uma potencial ferramenta para a construção de narrativas autobiográficas de situações traumáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso corpo também é um lugar de memória. É o local onde se reúnem marcas, lembranças e histórias. Esses registros se tornam ainda mais fortes em vítimas de violências e traumas. É comum que mulheres vítimas de violência lembrem-se com clareza das dores, dos hematomas ou da voz do agressor. Ainda que o restante das cenas apareçam na memória como fragmentos ou reflexos de imagens. No caso em que vítimas ainda passam pelo processo de culpabilização, essas dores permeiam o corpo físico e o campo mental.

Ao abordar o trauma relatado através da obra *Desconstruindo Una*, pode-se perceber como o universo dos quadrinhos foi importante na reconstrução das cenas vividas pela autora na infância. Esse espaço visual permite inclusive que trechos das lembranças sejam representados sem necessariamente estarem fiéis ao momento vivido no passado. Por isso, Curi (2013, p. 203) ressalta que o “espaço autobiográfico é o que melhor representa, se podemos dizer assim, o espaço da memória” (CURI, 2013, p. 203).

Além disso, os quadrinhos também não estabelecem distinção clara entre o real e o ficcional, nesse caso Una pode permanecer sem revelar em momento algum a sua identificação, usando apenas o pseudônimo. Em casos de violência sexual ou até mesmo outras agressões, muitas mulheres acabam lidando com o sentimento de culpa e vergonha. Dessa forma, a HQ autobiográfica e o pseudônimo puderam manter a identidade da autora em sigilo.

A representação em quadrinhos autobiográficos se aproxima muito mais de uma narrativa realista a partir do momento em que representação é conduzida pelo próprio personagem que viveu tais histórias. Além disso, a HQ apresenta uma

agilidade textual e uma despreocupação com formalidades textuais que também aproxima o leitor do fato narrado. Dessa forma, cria uma ponte lúdica entre o público infanto-juvenil e o tema, abrindo espaços para debates importantes que devem ser feitos desde cedo acerca de assuntos como abuso sexual, educação sexual, machismo e respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Carolina. **Papo com Una, autora de Desconstruindo Una:** “Sem o feminismo, minhas experiências não faziam sentido”. Disponível em:< <https://vitralizado.com/hq/papo-com-una-autora-de-desconstruindo-una-sem-o-feminismo-minhas-experiencias-nao-faziam-sentido/>>. Acesso em: 5 out, 2020.

BARBOSA, Marialva. **Comunicação, história e memória:** diálogos possíveis. Disponível em:< <http://www.revistas.usp.br/matrizas/article/view/157646>>. Acesso em: 10 ago, 2020.

BROWNMILLER, Susan. **Against our will:** men, women and rape. New York: First Ballantine Books Edition, 1975.

CURI, Fabiano. **Desenhos da memória:** autobiografia e trauma nas histórias em quadrinhos. Disponível em:< <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269965>>. Acesso em: 5 ago, 2020.

KOLK, B. e HART, O. **“The Intrusive Past:** The Flexibility of Memory and the Engraving of Trauma”. In. _____ C. CARUTH, Trauma: Explorations in Memory (pp 158-182). Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1995.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico:** de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano.** São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

MIORANDO, Guilherme. **Histórias em quadrinhos e memória:** algumas aproximações. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/338354368_Historias_em_quadrinhos_e_memoria_algumas_aproximacoes>. Acesso em: 18 ago, 2020.

MAGALHÃES, Livia. **A culpabilização da mulher vítima de estupro.** Disponível em:< <https://jus.com.br/artigos/27429/a-culpabilizacao-da-mulher-vitima-dem-estupro-pela-conduta-do-seu-agressor>>. Acesso em: 2 out, 2020.

MALDONADO, Gabriela; CARDOSO, Marta Rezende. **O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias.** Psicanálise Clínica, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p.45- 57, 2009 .

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história:** a problemática dos lugares. Projeto História. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História, v.10. São Paulo, PUC, 1993.

PINHEIRO, Douglas. CHAVEZ, Isivone. FERRAZ, João. **Narrativa e superação do trauma:** a memória de mulheres vítimas de violência doméstica. Disponível em:< <http://www.andhep.org.br/anais/arquivos/Vencontro/gt7/gt07p04.pdf>>. Acesso em: 10 ago, 2020.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio.** Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1989

RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e representação.** São Paulo: Escuta, 2000. p. 73-98.

_____. **Narrar o trauma:** a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. PSIC. CLIN., Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 65 - 82, 2008.

SOUZA, Vivian. **A memória traumática da tortura:** contribuições do debate acadêmico para as possibilidades de reabilitação e esquecimento. Disponível em:<<https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/historiacom/article/view/113>>. Acesso em: 20 ago, 2020.

UNA. **Desconstruindo Una.** São Paulo: Nemo, 2015.

XAVIER, Glayce. **Histórias em quadrinhos**: panorama histórico, características e verbo-visualidade. Disponível em <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/darandina/article/view/28128>>. Acesso em: 1 set, 2020.